

HOOKS E A LEITURA CRÍTICA DO MUNDO PELAS LENTES DA CULTURA

HOOKS AND THE CRITICAL READING OF THE WORLD THROUGH THE LENS OF CULTURE

RESUMO

Ler o mundo e ler a realidade pode parecer um processo assustador e traumático, embora necessário se desejamos transformações sociais efetivas. Com uma atenção profunda às implicações que as intersecções de raça, gênero e classe imprimiam na sua experiência, bell hooks se engaja neste processo teórico e analítico, com desejo de inventar uma forma de sobreviver às opressões que lhe são impostas e comunicar-se com audiências abrangentes (hooks, 2015). Neste artigo, para além de reconhecer a marca feminista do legado de hooks, observamos a criação de sua voz-escrita de em relação com a cultura popular, sempre referenciada em seus textos. Para alimentar o exercício de pensamento, a pensadora propõe que se recorra à cultura, em conversa e contato com a sua influência nas pessoas que habitam as margens, como canal de temas e discursos que precisam de reflexão com vistas à transformação de uma sociedade que, apesar de anti-intelectual, se vê necessitada da escrita e pensamento insurgentes.

Palavras-chave: bell hooks. Cultura. Pensamento insurgente. Pensamento feminista negro.

ABSTRACT

Reading the world and reality might appear to be a frightening and traumatic process, hence a necessary one if we wish to see effective social transformation. With a profound attention to the implications that the intersections of race, gender and class imprinted in her experience, bell hooks engages deeply in this theoretical and analytical process, with the will to invent a way of surviving the oppressions imposed on her, while also communicating with wide audiences (hooks, 2015). In this article, beyond recognizing the feminist mark of hooks' legacy, we observe the creation of her written voice in relation to popular culture, which she always references in her writing. In order to foster the exercise of thinking, the intellectual proposes we turn to culture, in conversation and contact with its influence on people who inhabit the margins, as a means of accessing themes and discourses which need reflection in order for a transformation to take place in a society that, in spite of being anti-intellectual, is actually hungry for insurgent writing and thought.

Keywords: bell hooks. Culture. Insurgent thought. Black feminist thought.

Eliza Araújo

Professora adjunta no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, campus do Gragoatá, Niterói, RJ. Doutora em Letras (Literatura, Teoria e Crítica) pelo PPGL da Universidade Federal da Paraíba. Coordenadora do Grupo de Pesquisa NELDCult (Núcleo de Estudos em Literatura Diaspórica, Cultura e Tradução). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5324-3888>. E-mail: elizaaraujo@id.uff.br

Introdução

Quando pensamos em bell hooks e no seu processo de escrita, é possível traçar a gênese da leitura crítica da autora à sua infância, quando ela comenta sobre como a formação da sua perspectiva de análise do mundo e das relações que a cercavam, davam notícias de incômodos e dores incutidas pelas injustiças que identificava no microcosmo da sua família, assim como no ambiente escolar e, já mais crescida, na vida em sociedade. No seu quarto livro, *Erguer a voz*, hooks fala sobre o desafio de se relacionar com as pessoas ao seu redor expressando seu ponto de vista crítico. Ela explica de que se trata a atitude de *erguer a voz*:

erguer a voz (...) é a explicação para o meu incômodo, minha relutância. Tem a ver com revelar o pessoal. Tem a ver com escrita – com o que significa dizer as coisas no papel. Tem a ver com punição – com todos aqueles anos da infância em diante, quando me machucaram por eu dizer verdades, por falar do ultrajante, falar do meu jeito chocante, indomável e sagaz, ou com “temos que ir tão fundo assim?”, como às vezes questionam os amigos (2019, p. 24, grifo da autora).

A voz erguida e a escrita contestadora da autora também se conecta ao seu processo primeiro de leitura do mundo, vivido interna e externamente. A forma como ela fala deste em diferentes textos de sua obra pode ser relacionada ao conceito de *palavramundo*, de Paulo Freire (1989), grande interlocutor e pensador brasileiro, com quem estabelece diálogos críticos, principalmente nos seus textos sobre a prática pedagógica e os rumos que procurava apresentar para salas de aula mais inclusivas e conectadas com princípios políticos de emancipação.

Ao conceituar *palavramundo*, Freire também recupera a sua perspectiva da infância, em conexão com os seus entornos, observando os elementos que formavam a sua vida de menino crescendo no Recife, falando da relação que estabelecia com a natureza e a imaginação, que precedeu o seu encontro com a palavra escrita e com os livros. Os elementos dessa observação e relação eram todos ingredientes de fundamento para o seu encontro com a palavra, intrinsecamente atrelada às experiências vividas e sentidas (e de feitura de sentido) no mundo.

Ler o mundo, pelas linhas que o pensador propõe, trata de pensar a palavra em conexão com a vida em contexto e em sociedade. A própria palavra é, desta forma, compreendida como vida, vivida e sentida a partir de experiências que permeiam todos os processos de construção de sentido. Freire (1989) pincela com beleza a imaginação que compõe este contato primeiro com a palavra e a experiência por ela proporcionada, que muito depois vai se materializar na sua escrita. Em diversos textos, hooks destaca a influência de Freire no seu pensamento, ampliando inclusive algumas de suas proposições, para pensar propostas feministas de educação e de reflexão crítica sobre a sociedade:

Quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia crítica, encontrei nele um mentor e um guia, alguém que entendia que o aprendizado poderia ser libertador. (...) Significativamente, eu sentia que esse mentor e guia, que eu nunca vira pessoalmente, estimularia e apoiaria minha contestação às suas ideias se fosse realmente comprometido com a educação como prática de liberdade. Ao mesmo tempo, eu usava seus paradigmas pedagógicos para criticar as limitações das salas de aula feministas (hooks, 2013, p. 15).

A pensadora então, reconhece e emprega uma maneira de interagir com o pensamento de Freire que lhe permite abordar outras perspectivas e problemáticas sociais. A influência do pensador, no entanto, é repetidamente enfatizada ao longo de sua obra, pois é profunda: “Paulo foi um dos pensadores cuja obra me deu uma linguagem. Ele me fez pensar profundamente sobre a construção de uma identidade na resistência” (2013, p. 66). É interessante notar como hooks convoca Freire ao tema de sua voz, sua identidade de escritora e pensadora. Embora para ambos pensadores a infância tenha sido um espaço de importante formação de perspectiva, nuance e imaginação, hooks se volta a esse momento com frequência para falar dos traumas, da violência e das dores vivenciadas nessa fase da vida. Estes elementos da experiência vivida também são matéria prima do que vem a elaborar como base de sua teoria ou de seu processo de teorização.

Em diversos textos de sua obra, a escritora comenta o processo da formação de sua voz, seu tom e sua forma de falar e escrever. O ato de falar que envolve a urgência do *erguer a voz*, da contestação marcante na escrita, demarca a natureza interseccional da voz da autora: uma voz de menina negra estadunidense e sulista; uma voz atrevida e ousada, que fala de uma relação nada simples com o universo que a rodeia. hooks, já crescida, cria, *faz uma voz*, que muito tempo depois, carrega esses mesmos sentimentos e valores (2019, p. 32).

Apesar de relatar uma infância mediada por cuidadores que de certa forma tentavam “frear” seus processos intuitivos, criativos e questionadores, a escritora permanece em contato íntimo com a escrita, o que lhe possibilita uma elaboração, uma profunda reflexão acerca do que identifica como problemático no mundo. Ela relata: “Escrever foi uma maneira de capturar, agarrar a fala e mantê-la por perto. E então eu escrevia os pedacinhos de conversas, fazendo confissões a diários baratos que logo caíam aos pedaços de tanto serem manuseados” (2019, p. 33). A escrita, neste sentido, é um laboratório onde cria seus métodos de análise, mas também um ponto de conexão com sua própria identidade e integridade.

No processo de amadurecer uma escrita que se forja desde a infância, ela comenta sobre *a feitura de sua voz*, uma voz marcada pela sua história de vida, cujo recurso e estilística remetem à escrevivência, que Evaristo destaca: “explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (2005, p. 205). A palavra em hooks

é plena de recursos poéticos, aparentes na forma de alusões, figuras de linguagem, marcas da oralidade, além de atravessada de uma contestação contundente, que informa o tom desafiador da sua escrita.

A relação entre dor, silenciamento e escrita que hooks vivencia e relata, também ressoa no que Conceição Evaristo (2005) elabora ao contar sobre o seu processo de criar a sua voz e se tornar escritora. Ela conta que crescer rodeada de palavras foi importante, ouvindo inúmeras histórias contadas, repetindo algumas delas para suas bonecas, lendo para “suportar o mundo” (p. 201). Evaristo conta ainda que sua mãe e tia trabalharam como domésticas nas casas de escritores e intelectuais como “Alaíde Lisboa de Oliveira, Lara Resende, Eduardo Frieiro, Luzia Machado Brandão, Lucia Casasanta”, e que naqueles espaços foi possível ter acesso a bibliotecas importantes na sua formação. A dor e a atividade da escrita também são temas que Evaristo conecta. Ela diz:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito, é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual acesso o mundo (p. 202).

Kimberly Drake (1997) destaca, a partir de um estudo sobre algumas clássicas autobiografias de ex-escravizados, que a escrita do eu naquelas narrativas demarca um processo de afirmação de *existência* para aqueles sujeitos. Ela faz referência a como alguns fundamentais pensadores da psicanálise ocidental percebem a atuação da dor na psique humana. Na obra de Scary, que se baseia em Freud e Lacan, por exemplo, a dor tem o poder de destruir a consciência. Então, recuperar a consciência, a língua, a escrita, a partir dessa mesma dor, apresenta-se como um movimento contra-hegemônico, onde a identidade é formada e afirmada não só *apesar da dor* e do trauma, mas *em resposta* a estes, em voz erguida contra esta dor.

A voz que hooks cria, se forja não somente na dor, mas em outros elementos da sua experiência com os seus entornos. É uma voz sempre erguida e preparada para o embate com noções colonialistas imbricadas nos sentidos das falas, textos, filmes, músicas, enfim, da arte que a cerca. O contato com a cultura e a elaboração sobre esta se torna, então, um importante ponto de conexão de hooks com o seu tempo e com as demandas sociais urgentes que percebe que existem. A partir da cultura que chega nas camadas populares, em franca conversa com ela, ela convoca quem a lê a interpretar o mundo em outros níveis, questionando os valores e noções propaladas pelos discursos vigentes no “patriarcado capitalista de supremacia branca” (2019, p. 332), uma frase que a autora cria para dar o tom da complexidade do sistema em que estamos inseridos como sociedade.

Forjar a voz na cultura: os pontos de entrada comuns

No cerne da feitura da voz que hooks sempre tematiza em seus textos, é possível localizar de maneira consistente a cultura, que opera como lente para observação do mundo, as tendências e os discursos que afetam sua vida e tempo. De maneira material, podemos ver exemplos de utilização da cultura como tecnologia de análise em textos como o ensaio “A língua”, onde um poema de Adrienne Rich é destacado como ponto de partida e parada de finalização da discussão. Há no poema, um verso que intriga a pensadora, que diz “Esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você” (2013, p. 223). A partir da provocação aguda do verso, se desenrola toda a discussão trazida por hooks neste ensaio, para comentar os usos da língua, a história colonial que opera na língua, as políticas e contradições desta, a escrita e sua padronização, enfim: a forma complexa como a língua e seus usos mediam os sentidos que fazemos do nosso tempo e espaço.

Para pensar a língua, hooks não recorre somente à poesia como texto-documento da cultura, mas fala também dos cantos negros espirituais, os *spirituals*, um recurso cultural que aqui revisita trazendo a atenção para o inglês vernacular presente nas letras dessas músicas. Ela exemplifica a força da expressão “agramatical” ou de usos supostamente “incorretos” da língua padrão nos *spirituals*, para refletir sobre o que a quebra da norma gramatical expressa naquelas belas canções históricas representa. hooks compreende que esta demarcação de uma oralidade muito específica reflete também uma contestação dos escravizados à uma língua imposta e excludente, diante da qual falar de maneira fragmentada e inventada era a maneira mais límpida de expressar a sua fé:

Os negros escravizados pegaram fragmentos do inglês e os transformaram numa contralíngua. Juntavam suas palavras de um modo tal que o colonizador teve de repensar o sentido da língua inglesa. Embora na cultura contemporânea tenha se tornado comum falar das mensagens de resistência surgidas na música criada pelos escravos, particularmente nos *spirituals*, fala-se muito menos sobre a construção gramatical das frases nessas canções. Muitas vezes, o inglês usado na canção reflete o mundo quebrado, despedaçado dos escravos (hooks, 2013, p. 226 - 227, grifo no original).

hooks também observa o *rap* como uma fonte de discursos da cultura onde está posto um uso alternativo da língua inglesa. Ela destaca que “o *rap* se tornou um dos espaços onde o vernáculo negro é usado de maneira a convidar a cultura dominante a ouvir – a escutar – e, em certa medida, a ser transformada” (2013, p. 228, grifo no original). Assim, ela imprime no texto os caminhos que a cultura lhe apresenta para pensar as questões de seu tempo. Este tipo de recurso atravessa a obra da pensadora.

Na abertura do livro *Tudo sobre o amor*, hooks fala sobre quatro fotografias presas na sua geladeira que a levam a refletir sobre o amor e suas implicações intrapessoais,

interpessoais e sociais. As fotos eram de um graffiti que dizia “a busca pelo amor continua, mesmo diante das improbabilidades” (2021, p 29). Observar as fotos, num momento em que vivia e processava o luto de um amor, a leva a lembrar da intervenção feita num canteiro de obras por onde passava diariamente. Ela desenvolve uma certa relação com as palavras faladas no muro, retirando um conforto delas, até que um dia, passa pelo mesmo local e vê que a construtora havia pintado por cima das palavras, com uma tinta branca brilhante. A relação estabelecida com a frase no muro a leva a buscar o artista (que só havia registrado a intervenção com o seu primeiro nome). Ela o encontra e conversa com ele sobre o amor. O artista lhe dá as fotos para que se lembre do graffiti. A partir dali ela começa a desenrolar um fio de reflexão sobre o tema do amor na sociedade, abordando como ele é apresentado e idealizado a partir da cultura. Ao apresentar as primeiras reflexões sobre o tema, ela diz:

Atualmente, as mensagens mais populares são as que declaram a insignificância do amor, sua irrelevância. Um exemplo evidente dessa mudança cultural é o tremendo sucesso alcançado pela canção de Tina Turner cujo título declara ousadamente: “What’s Love Got to Do With It” [O que o amor tem a ver com isso?]. Fiquei triste e chocada quando entrevistei uma *rapper* bem conhecida, pelo menos vinte anos mais nova que eu e que, perguntada sobre o amor, respondeu com um sarcasmo cortante: “Amor: o que é isso? Nunca tive amor algum na minha vida” (p. 32, grifo no original).

Os elementos da cultura que cercam o seu dia a dia – como o graffiti na ida para o trabalho, as músicas que tocam no rádio, o *rap* que conhece e que a leva a entrevistar uma *rapper* – atuam tanto como lentes para ler o contexto social em que está inserida, como figuram enquanto recursos de apoio para a construção de seus argumentos. No livro em questão, hooks segue ampliando a discussão sobre o amor, pensando na infância e os aprendizados na família acerca do amor, os valores e uma ética do amor, a importância da comunidade na experiência do amor, entre outros temas. Observar a compreensão do amor a partir de expressões da cultura é uma estratégia que tanto aproxima as pessoas leitoras, como as chama à reflexão acerca dos sentidos imbricados nos produtos culturais que consomem.

A autora demonstra consciência dessa escolha quando diz: “comecei a me dar conta de que, se eu quisesse escrever teoria, principalmente teoria feminista que seria lida para além das fronteiras de raça, gênero, classe social e nível educacional, eu teria que oferecer um ponto de entrada comum” (2020, p. 91). Em outros momentos, quando faz referência a outros livros de sua autoria, como é o caso de *Tudo sobre o amor*, referenciado em *Ensinando pensamento crítico*, hooks apresenta outros pontos de entrada da cultura do cotidiano, para retornar a argumentos já trabalhados em sua escrita:

O amor conecta. O amor cura. Deixe o amor comandar. Dê amor. Excelentes frases de cartões do Dia dos Namorados. Gosto de imaginá-las marcadas nos doces em forma de coração que durante minha infância a gente distribuía com tanta diligência. (...) ainda que sejam excelentes presentes de Dia dos Namorados, desafiam a obsessão que nossa cultura tem por amor romântico e companheirismo (2020, p. 247).

A interação de bell hooks com a cultura e a contemporaneidade, é então evidenciada através de suas referências a componentes palpáveis e simples de identificar. É o que ocorre com um cartão de Dia dos Namorados e o discurso que este traz, assim como com o exemplo da intervenção visual não-hegemônica do graffiti, oferecendo uma frase profunda sobre o amor.

A pensadora também deixa, ao longo de diversos textos, evidências de sua prática de leitora, para além de suas leituras acadêmicas. Estes marcadores não somente destacam as leituras que ela fazia, pertinentes sem determinada discussão em pauta no ensaio/livro que escreve, mas também falam de sua curiosidade e interesse, de uma prática de leitora ativa que se relaciona com aquilo que lê, tanto para utilizar como referência, fazer alusões, trazer memórias contextuais, como para tecer e desenvolver críticas nos seus textos.

Ao longo de *Ensinando pensamento crítico*, por exemplo, hooks indica que lê e ministra cursos sobre James Baldwin. Ela também revela que admira a literatura de Faulkner, sem deixar de fazer críticas a algumas marcas desta produção: “Seus trabalhos disseminam pressupostos machistas e racistas; no entanto, essa falha em sua perspectiva não significa que não haja tantas outras características compensadoras em seu trabalho” (2020, p. 167). Ela também demonstra sua leitura e crítica a Mark Twain, autor clássico da literatura norte-americana, entre outros. Desta forma, hooks fundamenta seus argumentos incluindo comentários sobre o seu percurso de pesquisadora e pensadora de temas da atualidade e da cultura. O caminho que imprime em seus textos fala de sua busca por compreensão e construção de uma fala alternativa, que apresente à pessoa que lê, novas perspectivas, oferecendo uma oportunidade de transcender aos discursos do senso comum.

Ainda sobre a prática de leitura que hooks delineia em seus escritos, é marcante perceber a atenção que oferece à teoria e literatura produzida por mulheres negras estadunidenses. No livro supracitado, ela comenta o trabalho de Audre Lorde, Toni Cade Bambara, June Jordan, Michele Wallace, Alice Walker (a quem ela também direciona críticas e contestações). Já em *Erguer a voz*, ela faz referência a Paule Marshall, Gwendolyn Brooks, Ann Petry, Frances Harper, Kristin Hunter (2019, p. 290), num capítulo específico dedicado a esta escrita, intitulado: “A escrita de mulheres negras: criando mais espaço”. A esse respeito, ela pontua:

Poucas mulheres negras imaginaram que poderiam ganhar a vida escrevendo. Eu tinha treze anos quando decidi que queria ser

escritora. Naquele tempo, escrevia principalmente poesia e percebi que não seria capaz de ganhar a vida com a escrita. (...) Raras são as mulheres escritoras de qualquer raça que são livres (de tarefas domésticas ou do cuidado dos outros – crianças, pais, companheiros) para se dedicar apenas à escrita. Eu conheço poucas escritoras negras que foram capazes de se concentrar somente em seu desenvolvimento como escritoras, sem trabalhar em outros empregos ao mesmo tempo (2019, p. 293).

A voz que hooks cria a partir da cultura conecta pontos de análise indispensáveis para a apresentação de uma perspectiva interseccional e informada de alguns problemas sociais que enfrentamos. A perspectiva interseccional elaborada por pensadoras negras estadunidenses vem sendo documentada desde o século XIX, quando Sojourner Truth se levantou em uma convenção pelos direitos das mulheres em 1852 em Akron, Ohio e fez o seu emblemático discurso “Ain’t I a woman?”, fala inclusive recuperada por hooks para o título de seu primeiro livro, *Ain’t I a woman: Black women and feminism*. Aqui, uso intencionalmente a palavra documentada, por reconhecer que a perspectiva interseccional já era percebida, sentida e oralizada historicamente por mulheres negras em diferentes instâncias da diáspora. hooks (2015, p. 160) destaca como as mulheres brancas daquela convenção de Akron tentaram impedir Truth de falar, numa atitude que evidenciou o racismo presente no movimento feminista / sufragista vigente à época. A fala simples, direta e radical de Truth coloriram aquele momento histórico. Esta fala contestatória se tornou reconhecida como sua marca, como atestam outros de seus discursos que foram transcritos.

Torna-se evidente que uma das marcas do projeto epistemológico de hooks era promover a comunicabilidade de sua obra e acessibilidade para a compreensão de complexos sistemas de opressão contra os quais buscava lutar. Tanto no uso da língua cuidadosamente conectada com sua vivência e plena de sua oralidade, quanto na expressão sobre referências e conexões culturais que ela mesma havia encontrado, hooks propunha para as pessoas leitoras, caminhos de construir suas próprias análises do mundo. Nesse sentido, ela também emprega os ideais freireanos de uma educação emancipatória. Ela escreve para promover a autonomia de quem a lê, evidenciando o seu entusiasmo em pensar sobre o seu tempo e convidando cada pessoa a refletir e se implicar num processo de transformação do mundo.

À margem: um local de escrita e voz

Quando escolhe localizar sua fala, hooks frequentemente destaca sua relação profunda com o sotaque estadunidense-sulista que pode usar com sua família, uma forma de fala afetiva com a qual se relaciona de maneira genuína e na qual se reconhece. Ela também menciona as mulheres com quem dialoga, por exemplo, as telefonistas com quem trabalhava e que lhe deram incentivo para publicar o seu primeiro livro, e

fala sobre a necessidade de que o ambiente acadêmico seja percebido como um espaço inclusivo de diferentes vozes e experiências.

Sobre as telefonistas, as mulheres que apoiaram mais a escrita do seu primeiro livro do que seus pares acadêmicos, ela diz: “As mulheres negras com as quais eu trabalhava na companhia telefônica queriam que eu escrevesse um livro que melhorasse nossas vidas, que fizesse outras pessoas compreenderem as dificuldades de ser negra e mulher. (2019, p. 308). Assim, ela continuamente localiza uma perspectiva onde se coloca fora de um lugar central, seguro, estático, ou de um lugar de intelectual deslocado da vida em sociedade. Ela fala desde as margens e reforça essa nuance da sua fala de maneira enfática em seus textos.

No ensaio “A margem como um espaço de abertura radical” (hooks, 2019), onde temos referências culturais a um *spiritual* que fala sobre perseverança, o “Rough side of the mountain”, e à uma música de Bob Marley sobre revolução, “Babylon System”, hooks defende o lugar da margem como um espaço importante, de onde se pode observar a realidade de uma perspectiva radical e com um potencial de transformação. Assim, ela reconhece o espaço marginal como não restrito à ideia de pobreza, violência e privação, mas o vê como pleno de possibilidade de florescimento de um pensamento crítico.

Quando diz que elege a margem como um lugar a partir do qual deseja formular o seu pensamento, hooks contextualiza um importante aspecto metodológico do seu pensamento. A escolha de produzir teoria numa linguagem acessível, de comentar a cultura popular, e defender um uso de linguagem não-normativa nos espaços acadêmicos, são todos exemplos demonstrativos de sua abordagem contra-hegemônica do pensamento. Sobre este processo consciente, ela comenta:

Compreender a marginalidade como posição e lugar de resistência é crucial para as pessoas oprimidas, exploradas e colonizadas. Se vemos a margem apenas como sinal de desesperança, um niilismo profundo penetra de forma destrutiva a própria base do nosso ser. É nesse espaço de desesperança coletiva que a criatividade de alguém, a imaginação, passa a correr risco; é nele que a mente da pessoa é totalmente colonizada, é nele que a liberdade pela qual a pessoa anseia se perde (hooks, 2019, p. 291).

Por um caminho similar, Saidiya Hartman (2022) constrói o que chama de uma história social de mulheres negras do início do século XX, empregando métodos e sistemas que procuram preencher as lacunas que a normatividade do pensamento, da narração da história, da organização das grandes disciplinas e estudos sociológicos causaram quando excluíram a perspectiva e a vida das mulheres negras em seus estudos. Em *Vidas rebeldes, belos experimentos*, a pensadora revisita a margem de algumas cidades estadunidenses nos primeiros anos de um século afetado pelos efeitos da industrialização, da Guerra de Secessão e da recente emancipação dos escravizados. Neste tempo-espaço histórico marcante, Hartman se concentra na narração da vida das mulheres negras, pensando em como estas constituíam sua

rotina, personalidade, como viviam seus amores e prazeres nos espaços urbanos em que transitavam. A pensadora eleva como tema central de sua pesquisa a forma de vida daquelas mulheres que existem, resistem e ousam desfrutar da vida em meio à escassez dos seus entornos. Ela chama a sua narrativa de “uma narrativa escrita de lugar nenhum, do não lugar do gueto e do não lugar da utopia” (p. 11).

Hartman explica que a necessidade deste tom de escrita também está ligada à significação da vida insurgente dessas mulheres, que inventavam seu próprio lugar. Através da *narrativa íntima* (Hartman, 2022), ela organiza um livro-álbum-arquivo original e pulsante, sobre o qual, numa seção chamada “Uma nota sobre o método”, revela:

Este livro é alimentado por um conjunto de valores diferente e reconhece os ideais revolucionários que animam vidas comuns. Ele explora os desejos utópicos e a promessa de um mundo futuro que residia no rebelar-se e na recusa da governança. O álbum aqui montado é um arquivo do exorbitante, um livro dos sonhos pela existência diversa. Na abordagem dessas vidas, uma história do século 20 muito inesperada emerge, uma história que oferece certa crônica íntima do radicalismo negro, uma história estética e desordeira de meninas de cor e seus experimentos libertários – uma revolução anterior a *Gatsby* (2022, p. 13).

Tanto narrar, quanto teorizar a insurgência então, pressupõem uma necessidade de articular um olhar da margem. Patricia Hill Collins também apresenta esta preocupação ao elaborar o conceito de *outsider within*, que considera imprescindível nos estudos sociológicos, que podem: “se beneficiar ao considerarem seriamente a emergência da literatura multidisciplinar que denomino pensamento feminista negro, precisamente porque para muitas mulheres intelectuais afro-americanas a ‘marginalidade’ tem sido um estímulo à criatividade” (2016, p. 101).

A professora e pesquisadora de literatura Fernanda Felisberto não apenas reconhece a importância da articulação do ponto de vista da margem no contexto acadêmico-intelectual, assim como defende que o trabalho com esta perspectiva se dê em textos que possibilitem abertura para construções epistemológicas a partir da escrevivência (Evaristo, 2005). Diz Felisberto (2020):

O aumento da presença de corpos negros vivos dentro de espaços acadêmicos brasileiros, tanto na condição de docentes como de discentes, tem provocado fissuras estruturais nas relações de privilégio e compadrio, que sempre encontraram eco dentro das universidades do país. Construir novas latitudes teóricas tem sido uma reparação epistemológica e uma verdadeira revolução, e o percurso de trazer as escrevivências para o mesmo pódio dos outros gêneros de textos acadêmicos concede a distinção de convocar a autoria a se fazer presente em primeira pessoa, sem modalizadores,

fazendo com que essas novas produções sejam textuais, mas também sensoriais, pois têm som, têm cheiro, têm paladar, têm aconchego, mas também têm dor, e expurgar a dor é fazer as pazes com o presente (p. 173).

Neste trecho, chama a atenção o destaque que Felisberto dá aos *corpos negros vivos*. Num país onde a violência e o racismo institucionalizado operam limitando os acessos e as possibilidades de pessoas negras, falar da margem e firmar a importância deste discurso é também uma questão de relevância social, importante para o nosso dia a dia, para as relações que construímos e mantemos, também permeadas pela cultura.

Assim, podemos compreender que falar a partir da margem, (re)inventando uma linguagem possível para a construção de uma leitura crítica do mundo, se torna uma postura epistemológica indispensável e geradora de novas possibilidades e escritas. Quando hooks dá a mão à cultura popular para falar das formas em que o mundo pode ser repensado, ela também senta de maneira franca com a nossa pessoa leitora, dividindo um espaço de muito mais horizontalidade e possibilidade, onde transformar o mundo é um caminho que todos podemos compartilhar, movimentando o que entendemos pelas vias da cultura, através de nossas conversas e ao longo de nossas escritas.

Últimos pontos

No ensaio “Cenas de libertação: verbalizar este anseio”, hooks leva a pessoa que lê a uma cena clássica e recorrente em seus textos:

Outra lembrança nítida que tenho é de assistir ao filme *Imitação da vida* – um dos primeiros dramas a conectar questões de raça, gênero e sexualidade – na companhia das minhas cinco irmãs. Ao discutirmos essas obras em casa, muitos de nós desenvolvemos consciência crítica sobre questões de política racial. Reagindo à produção cultural televisiva, as pessoas negras podiam expressar a raiva que sentiam do racismo que informava a representação, a construção de imagens. Como espectadores negros poderiam consumir passivamente um filme como *O nascimento de uma nação*, quando vivíamos diariamente sob a ameaça de linchamentos e a realidade do assassinato racial? (2019, p. 36)

No caso deste trecho, podemos visualizar a sala de casa de uma criança crescendo no Kentucky, acompanhada das cinco irmãs num momento de cumplicidade, lazer e diversão, se deparando com produtos de uma cultura que traziam discursos perturbadores sobre o lugar da pessoa negra na sociedade estadunidense. hooks se

desenvolve numa família que valorizava a leitura e a educação como caminho de emancipação, um local propício para começar a dar lugar à prática crítica que ela consegue carregar ao longo de seu amadurecimento, a despeito das intervenções e imperativos que eventualmente recebia para que não falasse: “Na ‘educação à moda antiga’, as crianças deviam ser vistas, não ouvidas” (2019, p. 31).

A disposição e ousadia de sempre apresentar perspectivas de oposição, aliada à prática de comentar/contestar a cultura, dão um dos mais marcantes tons da obra de hooks, onde teoria e vida vivida caminham juntas e se retroalimentam, num processo onde o lugar da intelectual que ela cria para si e para outras mulheres como ela, é importante, relevante e urgente.

A escrita de hooks através das lentes da cultura, nos ensina ainda um exercício de conexão com o nosso tempo, além de nos apresentar a possibilidades de diálogos *com a cultura, sobre a cultura* e em oposição à representações culturais mantenedores do *status quo* de uma sociedade desigual, sexista e racista. hooks entendia que vivemos, em meio ao capitalismo e seus princípios, e em meio a um crescente neoliberalismo que percebemos começar a dominar a conversa sobre educação, numa sociedade anti-intelectual, onde o trabalho de pensar e teorizar muitas vezes não é visto como útil (1995, p. 464).

Pensar a partir da cultura, em conexão e vivência com as margens, não só nos propõe uma abertura de perspectiva diante dos problemas do nosso tempo, mas apresenta a possibilidade de produção de um pensamento de oposição imprescindível, pois este pode nos proporcionar a sobrevivência (Idem, p. 465). Através da cultura e de uma relação consciente e atenta com ela, alimentamos nossa escrita, ampliamos nossa visão e nos tornamos sujeitos participantes de transformações que desejamos e necessitamos. Com as provocações propostas por hooks, podemos dar prosseguimento a este exercício constante de pensar e buscar transformar o nosso tempo através do pensamento e da escrita, conectando teoria e prática como princípio e base daquilo que buscamos construir.

Referências bibliográficas

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, Vol. 31, No. 1, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em 09 nov. 2024.

DRAKE, Kimberly. Rewriting the American self: race, gender and identity in the autobiographies of Frederick Douglass and Harriet Jacobs. **MELUS**, Vol. 22, No. 4, 1997. p. 91-108.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza M. de B.; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Idéia, 2005. p. 201 - 212

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23a Ed. São Paulo: Cortez Editora, 1989. p. 9 - 14. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em 28 mar. 2024.

HARTMAN, Saidiya. Capítulos selecionados. In: HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais**. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7964208/mod_resource/content/o/HARTMAN_Vidas%20rebeldes%2C%20obelos%20oexperimentos.pdf. Acesso em 09 nov. 2024.

hooks, bell. A língua. In: *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 223 - 233.

_____. A margem como um espaço de abertura radical. In: hooks, bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. Tradução de Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019. p. 280 - 295.

_____. Black women and feminism. In: hooks, bell. *Ain't I a woman: Black women and feminism*. New York: Routledge, 2015. p. 159 - 196.

_____. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Tradução de Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

_____. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

_____. Intelectuais negras. Tradução de Marcos Santarrita. *Revista de Estudos Feministas*, Vol. 3, No. 2, 1995, p. 464 - 478. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em 09 nov. 2024.

_____. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

Recebido em 05/08/2024.

Aceito em 20/11/2024.